

ANTROPONÁUTICA

Agora que meu coração é grave
e é grave minha vida e minha sorte
e a água da memória em que me lave

me leva não à infância, sim à morte.
pois quanto fui não volta a quanto fui;
agora que lancei a minha sorte

e os dias me não são coisa que flui
mas renhido combate que aniquila
e fortalece o quanto fica ou rui;

agora, quando a dor fica tranqüila,
e o desespero já não desespera
e a lágrima secreta já destila

meu ser alheio da anterior quimera;
posso olhar, mais sereno e mais isento,
o outono que há em cada primavera,

a primavera que há em cada intento,
a força de intentar que o Homem eleva,
a asa de ser que ao Homem é um vento

por que, se atreve (e sempre mais se atreve):
vento que ao ser mantém nutrida a chama,
chama em que se desfaz a densa treva:

agora que meu coração conhece
a teia que a si mesma a vida tece
sinto que só é vida a de quem ama.

Há cavalos nos campos e cavalos
HP, ambos pastam sua usina.
Cavalos animais pastam no vale. Os

cavalos HP rodam a sina
de turbinas e usinas assassinas.
Ervas pastam nos campos os cavalos.

Os cavalos da usina pastam gente,
suor de gente, miséria de gente
nas usinas não há cavalo chucro.

Os cavalos do campo pastam erva
e devolvem estrume na semente.
O estrume do HP se chama-lucro.

No cavalo do campo monta a sorte,
a dor, o esforço, a própria vida humana.
No cavalo da usina monta a morte.

Mas o futuro, que a ninguém engana,
é de quem monta no cavalo chucro:
na usina do tempo cessa o lucro...

Há cavalos nos campos e cavalos
nos elegantes prados de corrida.
Assim como é a vida desigual

os cavalos a têm dividida:
cavalo chucro morde desespero
no freio das esporas e da lida,

cavalo sangue-azul morde dinheiro
de apostas, morde açúcar de mão fina.
Cavalo chucro morre no atoleiro,

cavalo sangue-azul na baía limpa.
O dono do cavalo chucro morre
com seu cavalo e a mesma triste sina

mas o dono do outro até na morte
morre como quem vive uma outra vida.
Os filhos de quem tem cavalo chucro

invejam a ração do outro cavalo.
O campinas e prados, coisa impura:
a pata igual, igual a ferradura...

Porém nem tudo é morto enquanto ao cor-
ação não falta a linfa da ternura,
enquanto o tédio não se faça dor,

enquanto a própria dor se faça pura
semente de riqueza interior;
nem tudo é morte e se o pulmão respira

a rosa da manhã, resina densa,
sumo de vida, enquanto nosso olhar
respire a seiva da beleza e a vença

na forma do soneto a inventar;
enquanto a razão encha suas landes
de coisas provisórias ou eternas,

enquanto o ser aspire coisas grandes
e a música começa em tuas pernas
e ondeie em tuas ancas quando andes